

**VESTÍGIOS E MEMÓRIAS:
HISTÓRIA LOCAL E O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**TRACES AND MEMOIRS: LOCAL HISTORIES AND HISTORY EDUCATION IN THE
INITIAL GRADES OF ELEMENTARY SCHOOL**

*Clarice Bianchezzi¹
Arlene Medeiros Coelho²
Denise Costa da Silva³
Érica de Souza e Souza⁴*

RESUMO: Neste artigo buscamos desenvolver uma reflexão sobre a contribuição da História Local no Ensino de História nos Anos Iniciais, a partir de uma experiência desenvolvida com os acadêmicos do 7º período curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, considerando a História Local motivador de pesquisa durante a formação dos professores, na disciplina de Metodologia do Ensino/Aprendizagem em História, pensando possibilidades e estudos em salas de aula com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, além de proporcionar aos acadêmicos a experiência com a pesquisa histórica como possibilidade de subsidio para elaboração de material didático sobre a história do cotidiano e do município.

Palavras-chave: Formação de professores. Ensino de história nos Anos Iniciais. História local. Pesquisa.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the contribution of Local History in Historical Education in the initial grades, based on an experience developed with undergraduate students from the seventh semester of the Pedagogy course from the Parintins Center for Higher Education– CESP from the Amazonas State University – UEA, considering Local History as a motivator for research during teacher education, in the Teaching/Learning Methodology in History course, thinking about study possibilities in the classroom with students from the initial grades of elementary school, as well as to provide the undergraduate students the experience of dealing with historical research as a possible source for the elaboration of teaching material about city and everyday history.

Keywords: Teacher education. History education in Initial Grades. Local history. research.

¹ Professora assistente de História da Universidade do Estado do Amazonas- UEA no Centro de Estudos Superiores de Parintins-AM.

² Centro de Estudos Superiores de Parintins - Universidade do Estado do Amazonas – AM.

³ Centro de Estudos Superiores de Parintins - Universidade do Estado do Amazonas – AM.

⁴ Centro de Estudos Superiores de Parintins - Universidade do Estado do Amazonas – AM.

Introdução

O ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ainda se apresenta como um grande desafio, pois requer muita dedicação e compreensão dos conceitos básicos previstos nos parâmetros escolares nacionais e locais onde os mesmos possam ser estudados gerando efetiva aprendizagem com os alunos nesta etapa escolar.

A formação inicial dos professores que atuarão nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental torna-se o momento oportuno para que se possa discutir, ainda no ensino superior, metodologias e práticas que contribuirão para desenvolvimento de aprendizagem significativas dos conceitos históricos, previstos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Este artigo desenvolve uma reflexão sobre História Local e sua contribuição com o Ensino de História nos Anos Iniciais, a partir de uma experiência desenvolvida com os acadêmicos do curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, considerando a História Local motivador de pesquisa durante a formação dos professores e pensando possibilidades estudo em salas de aula nos anos iniciais do ensino fundamental.

1. História local e sua contribuição para ensino de História

Um dos principais conceitos a ser desenvolvido com os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em História, trata-se das noções temporais como: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências, mas a primeira questão que vem à tona é como desenvolver essa noção com crianças entre seis e dez anos?

Conforme destacam Maria Auxiliadora Schimdt e Marlene Cainelli (2009), essas noções não existem naturalmente, elas são construídas a partir de experiências culturais, do livro didático e da escolarização. Tais representações do tempo histórico e as noções temporais auxiliam para compreender: a causalidade histórica, marcos temporais, relações entre épocas, fatos históricos e transformações históricas.

São nos Anos Iniciais do ensino Fundamental que essas noções básicas precisam ser desenvolvidas com as crianças. As sugestões para alcançar esse intento são apontadas por diferentes autores da área do ensino de História⁵ que sugerem trabalhar com comparação de objetos de épocas diferentes, com termos como *durante, enquanto, ao mesmo tempo que* e também com fatos que acontecem próximos do aluno, na realidade local. Elementos capazes de contribuir para construção da noção de temporalidade.

Neste sentido os PCNs para História são os documentos que regulamentam o que se espera que o aluno domine ao finalizar cada etapa da formação nos Anos Iniciais, sendo que para o primeiro ciclo este deve:

- comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;
- reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;
- caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;
- identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada;
- estabelecer relações entre o presente e o passado;
- identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais/História E Geografia, 1997, p.39-40).

No caso do segundo ciclo dos Anos Iniciais os PCNs apontam que aluno precisa ao finalizar este ciclo:

- reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;
- identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;

⁵ SCHIMIDT; CAINELLI, 2009; OTTO, 2009; BITTENCOURT, 2009; OLIVEIRA, 2005; OLIVEIRA, 2010.

- identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;
- utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;
- valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais/História E Geografia, 1997, p.45-46).

Assim, os próprios PCNs de História para os Anos Iniciais sugerem o uso da História Local e do cotidiano como possibilidade de ensino, destacando que ao começar como elementos próximos da vida da criança isso potencializa o aprendizado do mesmo, além de abrir possibilidade de ser trabalhada de forma interdisciplinar em sala de aula.

No campo da historiografia, a História Regional ou Local tem incentivado a busca de explicação das sociedades nas suas múltiplas determinações e complexidades e tem proporcionado ocasião para testar generalizações da História Geral, por meio da redução da escala das investigações. (...) a prática meticulosa da História Regional e Local, mais do que destruir concepções gerais equivocadas, porém arraigadas em tantos livros didáticos e discursos, tem a virtude de descobrir novos problemas e hipóteses. Tudo isso justifica que a História Regional e Local adentre as salas de aula em todos os níveis de ensino (...). (MARTINS, 2013, p.145).

Estudar a partir da História Local proporciona acesso a discussões e investigações que podem e devem ser incentivadas nas salas de aulas em todos os níveis de ensino, conforme destaca Marcos Lobato Martins. Assim, o ensino e aprendizagem em História serão capazes de desenvolver:

Inicialmente, a atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais/História e Geografia, 1997, p.39).

Lembrando ainda, que no segundo ciclo dos Anos Iniciais, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs preveem o estudo da história das organizações populacionais focando:

(...) as diferentes histórias que compõem as relações estabelecidas entre a coletividade local e outras coletividades de outros tempos e

espaços, contemplando diálogos entre presente e passado e os espaços locais, nacionais e mundiais. (BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais/História e Geografia, 1997, p.46).

Assim a História Local e Regional terá contribuições imediatas e de amplitude na aprendizagem das crianças, principalmente quando atividades são desenvolvidas de forma coletiva envolvendo-as em pesquisas e coletas de informações junto a sociedade local, buscando assim localizar vestígios e informações históricas capazes de contribuir para o estudo da História nos Anos Iniciais particularmente.

Sem esquecer, contudo, o que destaca Maria Aparecida Bergamaschi de que ao se estudar essas noções básicas valendo-se de conteúdos não caia-se no erro de simplificar demais o estudo da História, ela sugere que se problematize os conteúdos históricos buscando compreendê-los em suas relações e contextos históricos, além de sugerir o uso de trajetórias e memórias:

Proponho que se busque articular as trajetórias dos alunos e professores, suas histórias de vida (biografias) com a história social (processo histórico, coletivo). Nesse sentido, destaca-se a importância da memória individual e da memória social - que se materializa nos diferentes espaços da cidade: ruas, prédios, museus, aterros, diques, pontes, desmatamentos, praças, monumentos... Como essas memórias contribuem para a constituição das suas identidades de criança, adolescente, adulto, velho, menino, branco, negra, índio, considerando que essas identidades variam em diferentes épocas? (BERGAMASCHI, 2010, p.02).

Ao sugerir tal cuidado Bergamaschi alerta para necessidade de não isolar ou fragmentar os conteúdos históricos, incentivando para que o professor articule o tempo todo no estudo o conteúdo da História Local e do cotidiano com o cenário nacional e global. Evitando com isso que a criança crie a noção errônea de que apenas no local há História, mas relacione com os demais locais e compreenda as diferentes temporalidades e as variadas representações do tempo por sociedades em diversos locais do mundo.

(...) O lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, da História. (FERREIRA, 2005, p.170).

Dessa forma, ao entrelaçar os acontecimentos históricos locais com os nacionais e mundial, estamos desenvolvendo com as crianças a percepção das múltiplas temporalidades históricas, evidências as particularidades de cada qual inseridas no seu tempo e espaço.

A partir desses indicativos de Bergamaschi, observamos que no caso do município de Parintins-AM, os Parâmetros Curriculares Municipais para História, estão organizados em colunas, conforme modelo:

Competências	Habilidades	CONTEÚDO		
		História Local e do Cotidiano	Relações sociais no tempo e no espaço	Diferentes formas de organização do tempo

Da organização das categorias expostas nos chama atenção os itens relacionados ao conteúdo que busca seguir as orientações dos Parâmetros Nacionais para ensino História e, o que destacamos são os trazem elementos do cotidiano local para subsidiar o ensino visando desenvolver as noções sobre tempo e temporalidade, como por exemplo, no primeiro Ciclo está previsto:

Você tem uma história (quem sou, eu e os que me rodeiam);
 Estudo dos registros ou documentos ligados à sua história;
 Identidade pessoal (o nome como a primeira marca na construção da identidade);
 Local de moradia do aluno no bairro/comunidade;
 Diferentes vivências de crianças em diferentes tempos (modo de vestir, brinquedos, brincadeiras, regras de valores);
 Processo de povoamento;
 Os costumes;
 Relações sociais; os povos indígenas que habitavam a região e a relação com seu cotidiano;
 Modo de viver dos primitivos
 Modo de viver do homem contemporâneo (modo de vida de sua comunidade ou bairro);
 As mudanças e transformações no contexto histórico bairro ou comunidade. (PARINTINS, Parâmetros Curriculares Municipais História, 2009).

Apenas citando alguns dos itens listados no conteúdo previsto nos parâmetros curriculares de História, indicando que pode-se usar muito da História Local e do cotidiano para desenvolver um ensino e aprendizagem atrativo para as crianças com temas e conteúdos próximos e diretamente

vinculados ao dia-a-dia destas, respeitando o previsto pela regulamentação do ensino de História. Pois,

Mais importante que um conteúdo de história de caráter fatural é necessário que, no Ensino Fundamental, os alunos construam noções temporais básicas para localizarem-se e organizarem-se no tempo histórico, diferenciarem e relacionarem temporalidades, identificarem referências e medições temporais, perceberem a existência de diferentes ritmos e épocas e compreenderem que tempo é uma convenção social. (BERGAMASCHI, 2010, p.02).

Foi considerando esses fundamentos legais e a discussão apontadas por pesquisadores que atuam nessa área sobre o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que a disciplina de Metodologia do Ensino e Aprendizagem em História no 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP da Universidade do Estado do Amazonas –UEA, foi desenvolvido com os acadêmicos deste período uma pesquisa sobre a História local, visando proporcionar aos alunos a experiência da pesquisa histórica bem como a construção de material capaz de subsidiar o ensino de História no Anos Iniciais.

Assim, em sala de aula, elencamos locais da cidade que poderiam ser pesquisados e contavam um pouco a história da cidade de Parintins. Elaboramos uma lista que continha aproximadamente 30 locais, destes, cada grupo de 4 a 5 acadêmicos, escolheu dois locais para fazer uma breve pesquisa sobre a história da edificação ou espaço social selecionado. Assim tivemos 14 locais pesquisados. A intenção ao final da pesquisa era desenvolver um folheto didático com o conteúdo que pudesse subsidiar o ensino de História no Anos Iniciais, contudo em função das dificuldades no desenvolvimento da pesquisa somado ao tempo reduzido que temos para uma disciplina letiva, apenas desenvolvemos a pesquisa histórica.

Apresentamos aqui juntamente com as professoras em formação que desenvolveram a pesquisa, uma dessas experiências, onde o local escolhido foi uma das antigas empresas de processamento da fibra de juta, produto que contribuiu para desenvolvimento econômico e social do município “desde 1939 quando iniciou o plantio da junta, em Parintins, pelos imigrantes japoneses” (SAUNIER, 2003, p.177) e pelo fato de ainda termos acesso a muitas pessoas

que atuaram diretamente no processo de plantio e beneficiamento da juta. Assim essa pesquisa pautou-se nas memórias sobre o processo da economia da juta no município.

2. Memórias sobre a Companhia Têxtil de Castanhal em Parintins

Uma das pesquisas desenvolvidas sobre a História Local, as acadêmicas buscar identificar uma das edificações que contam parte da história do local, principalmente, no que se refere ao trabalho e economia do município de Parintins-AM⁶. Assim a pesquisa se ocupou sobre a Companhia Têxtil de Castanhal (CTC), fundada pelo Grupo Breno Pacheco Borges, com apoio técnico e operacional da fábrica São Luis Durão S/A Rio de Janeiro e Jutificio São Francisco – São Paulo, no ano de 1966 na cidade de Castanhal – Pará. (SOUZA, 2008).

De acordo com os dados que aponta Narda Margareth Carvalho Gomes de Souza, no ano de 1965, o estado do Amazonas produzia juta e malva em 23 municípios:

Estados	Municípios	Total
Amazonas	Barreirinha, Itaquiara, Itapiranga, Maués, Nova Olinda do Norte, Parintins, Silves, Urucará, Urucurituba, Manaus, Careiro, Anori, Coari, Codajás, Manacapuru, Tefé, Canutama, Autazes, Borba, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Anamã.	23
Pará	Santarém, Alenquer (também produtor de sementes para toda área), Oriximiná e Óbidos.	4

PINTO, 1966, p. 19 apud SOUZA, 2008, p.42.

⁶ A população do município, de acordo com o último censo de 2013, está estimada em 109.225 mil habitantes. Trata-se de uma ilha, localizada as margens do Rio Amazonas, com área territorial de 5.952,390 km², distante de Manaus, capital do estado do Amazonas, aproximadamente 420 km,

O cultivo destas fibras era realizado em pequena extensão, pois,

Tanto a juta, quanto a malva, são produtos de cultura fácil, porém trabalhosa, sem distinção na forma de cultivo, sendo este totalmente natural. Realizado às margens dos grandes rios da Região Amazônica, cujo terreno é conhecido por várzea, a produção dessas fibras ocorre em pequena escala, em aproximadamente 1 a 4 hectares, predominando a agricultura familiar de subsistência. (SOUZA, 2008, p.60)

O município de Parintins eram uma dessas sedes produtoras, conforme consta na tabela acima, bastante motivar para fundação da unidade da CTC, em Parintins, no ano de 1968.

Não havia apenas uma ou duas empresas de processamento de juta e malva no estado do Amazonas neste período, pois conforme destaca Souza, 2008:

A Amazônia passou a ser a única fornecedora de juta e malva para o mercado nacional, naquele mesmo ano, contando com empresas denominadas de usinas, voltadas para a prensagem e a classificação dessas fibras naturais, tendo no estado do Amazonas, sete usinas, espalhadas pelas cidades de Manaus, Itaquatiara, Parintins, e oito no Pará, distribuídas pelas cidades de Santarém, Óbidos e Oriximiná. (SOUZA, 2008, p.42).

O número de usinas de prensagem e classificação da juta no estado se destacava no ano de 1965, por ser o 'único fornecedor para o mercado nacional', neste interim Parintins também no final da década de 1960, também abrigava muitas usinas de processamento da juta, conforme relembra Calisto Ribeiro da Silva, antigo morador de Parintins:

Lá que é agora a CTC pertencia ao velho japonês Jorge Kawakami, já falecido e funcionava a antiga Caçapava que também trabalhava com a juta. Porque nesse período a CTC, a FABRIL, a COPAL, a COPY JUTA elas se instalaram aqui no período que a juta estava no auge. Era uma época de muito trabalho, tantos aos moradores da cidade quantos os produtores que vinham comercializar os seus produtos e a outras pessoas que vinham de outra cidade, em busca de melhores condições de vida. Cearenses, japoneses, paraenses e maranhenses. Eu vim pra cá do interior de Nhamundá para que meus filhos pudesse ter estudo. (SILVA, 2013).

A Companhia Têxtil de Castanhal⁷ na cidade de Parintins era responsável pela compra das fibras naturais de juta, a classificação e exportação para a sua matriz que ficava em Belém-PA. A matriz por sua vez produzia sacos de juta para a embalagem de café, batata, cacau, castanha, amendoim entre outras telas naturais e mistas para diversas finalidades e aplicações como fios e outros materiais de juta.

Ao elaborar a pesquisa constatamos a grande ausência de documentos que registrem a atuação desta empresa em Parintins, pois conforme destaca a ex gerente da CTC Fátima Bentes “todos os documentos do prédio foram enviados a São Paulo pelos proprietários e o prédio encontra-se à venda”. (BENTES, 2013).

Se tivéssemos acessos a fontes ligadas, diretamente, ao cotidiano da indústria, isso contribuiria para investigarmos mais sobre a história do trabalho na cidade de Parintins e, principais transformações, ao longo dos anos. Contribuiria para compreendermos melhor os implicadores do fechamento da CTC em 2012, pois alguns fatores apontados se aportam em informações coletadas via memórias dos moradores, como o ex- funcionário Manoel Gonçalves, que aponta como fatores para o encerramento das atividades desta empresa na cidade: “a baixa do cultivo da juta natural da região; transporte da matéria- prima para matriz no Pará, salários de funcionários; compra da juta cultivada na Índia”. (GONÇALVES, 2014).

Uma reportagem do jornal Amazônia de outubro de 2011, apontava a crise que vinha enfrentado a empresa:

A Companhia têxtil de Castanhal já demitiu cerca de 400 funcionários entre os meses de setembro e outubro em virtude da entrada ilegal de sacos de juta no país provenientes da Índia e Bangladesh. A informação foi concedida ontem pela assessoria de imprensa da companhia, que atua há décadas na cidade de Castanhal, região Nordeste do Pará. De acordo com a nota enviada pela assessoria, ainda podem ocorrer novas demissões ou férias coletivas para um turno em novembro, outro em dezembro e um terceiro em janeiro. “Se o mercado não reagir e as importações não pararem poderemos ser obrigados a realizar novas demissões em fevereiro de 2012 ou até mesmo fechar a fábrica, que emprega mais de 1.500 mil funcionários” lamenta o presidente da CTC Hélio Junqueira Meirelles. (JORNAL AMAZÔNIA, 13/10/2011).As

⁷ Os produtos eram certificados pelo BCS (entidade de controle para certificação de produtos agrícolas) como compatíveis com a agricultura orgânica fazendo que o produto final fosse biodegradável é benéfico ao meio ambiente.

informações apontam para a crise que a empresa enfrentava desde o segundo semestre de 2011, mas a determinação do fechamento da filial de Parintins merece uma pesquisa mais demorada, inclusive, analisando as influências e o impacto deste encerramento das atividades na economia e no mercado de trabalho local.

3. O prédio na atualidade

No processo da pesquisa também buscamos identificar os vestígios históricos sobre este local, para que tivéssemos elementos para discutir em sala de aula com os alunos, em trabalhos futuros. Nisso buscamos saber como estava o prédio desta antiga fábrica na atualidade

O prédio da Companhia Têxtil de Castanhal (CTC), localiza-se rua Silas Campos nº 1185 no centro de Parintins. Atualmente, encontra-se a venda. Sua estrutura física está bastante comprometida, as paredes caído e pichadas devido a ação do tempo, de depredação e de vandalismo.

Detalhe da parede em ruína da frente da empresa



Fonte: acervo das autoras

Parede da frente da empresa abandonada



Fonte: acervo das autoras

Ao adentrarmos o prédio, ainda podemos visualizar algumas das máquinas usadas no processo de manipulação da fibra de juta. Hoje abandonados juntamente com o prédio, sem manutenção ou preservação. No local a única pessoa presente é o vigia contratado pela matriz de Belém que destaque que com "o fechamento da COPJUTA (outra empresa no ramo de juta em Parintins) a

máquinas utilizadas na prensagem e fiação da fibra foram compradas para ser utilizadas na CTC. (CABRAL, 2013). "Muitas dessas máquinas ainda se encontram no local, sem uso no momento, assim como o prédio que está bastante danificado pela ação das intempéries, prestes a desabar.

Máquina para prensagem da Balança de pesagem da fibra fibra selecionada



Fonte: acervo das autoras



Fonte: acervo das autoras

A desativação da CTC ocasionou muitas implicações desde os produtores, funcionários e na própria economia da cidade que foram prejudicados diretamente, pela falta do comprador da juta, demissão de todos os funcionários da empresa.

4. Memórias sobre os trabalhadores

Para compreendermos o processo de trabalho executado dentro da empresa recorreremos a memórias de residentes próximos a fábrica e antigos empregados. Assim identificamos seis etapas deste processo: carregamento, secagem, classificação, prensagem, armazenagem e exportação para a sua matriz - de período a janeiro tempo da safra da juta na região.

O manejo das fibras era realizado por equipes de trabalhadores que eram responsáveis pelas etapas já mencionadas, além de outros processos de

organização e classificação, conforme relembra Manuel Gonçalves, ex-funcionário, “após o carregamento e a secagem das fibras de juta que vinham molhadas, acontecia o processo de classificação da juta em F1, que era a juta de melhor qualidade, em F2, F3, F4 que eram as fibras inferiores”. (GONÇALVES, 2014).

O modo como eram organizados os grupos de trabalho também é apontado por Manuel que em seu relato indica vários sujeitos que compunham essa história:

A classificação da juta acontecia da seguinte forma: eram formadas equipes com seis pessoas sendo cinco mulheres e um homem em cada equipe. Nessas equipes tinham três classificadeiras, um amarrador, uma caixeira e uma pesadeira. As mulheres eram responsáveis por fazer as bonequinhas conforme a classificação da juta e o homem só amarrava, aí tinha a caixeira que colocava as bonequinhas nas caixas que tinha que pesar 30 kg, isso cada caixa. Depois disso esse homem da equipe carregava a caixa e colocava na balança para a pesagem. Depois esse mesmo homem levava a caixa para a equipe da prensa. Após da prensagem a juta era levada para o galpão de armazenamento e daí o último passo era a exportação de toda essa juta para a matriz. (GONÇALVES, 2014).

Neste o relato identificamos diferentes sujeitos que compunham esse processo: *as classificadeiras* que eram as mulheres que classificavam as fibras de juta na escala de qualidade que definia o valor atribuído a cada uma das subdivisões; *o amarrador*, único homem em cada equipe, desempenhava a função de amarrar “as bonequinhas” de fibras, carregava os pacotes de juta para a pesagem e depois os levava para o galpão para o armazenamento; *as caixeiras* eram as mulheres que embalavam “as bonequinhas” de fibras nas caixas, de acordo com classificação previamente feita da juta em J1, J2, J3; *as pesadeira* eram as mulheres que faziam o controle e a pesagem das caixas de juta na balança.

O contexto histórico, as visões e as representações que a sociedade tinha das mulheres que trabalhavam na CTC e/ou outras empresas que desenvolviam o manejo da juta em Parintins, nas décadas anteriores aos anos 1990 e 2000, são evidenciados na seguinte narrativa: “No início dos trabalhos nessas fábricas em Parintins: Brasil Juta, Copy Juta, Fabril, o processo de fiação e classificação

da juta era realizada por mulheres consideradas prostitutas e mães solteiras, denominadas mulheres da vida". (NEVES, 2014).

Esse relato ajuda-nos a compreender o cenário histórico-social que se configurava no setor do trabalho, bem como o espaço social atribuído as mulheres nesta cidade, além de informar como a sociedade reagia quando as mulheres extrapolam esse espaço, chegando a adentrar as fábricas de juta onde a presença masculina era em maior número.

O relato que segue é de uma dessas mulheres trabalhadoras que atuou dentro da CTC, ela relembra:

Eu comecei a trabalhar na Fabril em 1978, eu tinha 17 anos e tinha vindo da comunidade do Boto para tentar a sorte na cidade com meu primeiro filho que tinha na época cinco meses, depois fui trabalhar na CTC, dois anos depois em 1980. Como eu era mãe solteira eu não conseguia emprego em casa de família porque as mulheres como eu não eram bem vistas pela sociedade da época e como eu não tinha estudo não podia trabalhar no comércio ou qualquer departamento público. Então essa foi minha única oportunidade de emprego. Na CTC eu também trabalhei duas safras e depois eu casei e o meu marido pediu que eu não trabalhasse mais lá, porque ele tinha o pensamento de que as mulheres que trabalhavam nessas firmas eram mulheres da vida, prostitutas e pra mim não ter problema eu parei de trabalhar. Mais as safras que eu trabalhei nas duas firmas eu tive que me fazer de macho, não dar confiança para os homens. (HYPÓLITO, 2014).

Esta ex-trabalhadora da empresa de juta relata sua experiência pessoal e o preconceito sofrido, evidenciando duas questões que lhe marcavam socialmente: ser mãe solteira e trabalhar em uma fábrica de juta. Não é o fato dela trabalhar em outra empresa de juta que muda a forma que socialmente era aceita na sociedade como trabalhadora na e da juta. Era marginalizada e havia uma grande discriminação da figura da mulher ao que concerne ao trabalho nestas empresas, no entanto pode-se perceber que mesmo com tudo isso muitas tornaram-se sujeitos de sua própria história lutando por melhores condições de vida e sobrevivência na sociedade local, mesmo que discriminadas.

Havia outros funcionários que atuavam na empresa: 1 gerente, 1 secretária, 2 vigilantes, quantidade indefinidas de carregadores, 1 capataz – este tinha como função chefiar e organizar os grupos de trabalhadores.

Mas, como era o trabalho diário neste local? Qual era a jornada de trabalho? Pelo que conseguimos ter acesso por relatos de antigos funcionários, o trabalho

neste local era exaustivo, era “muito pesado, os homens carregavam fardos de juta que chegavam a pesar 50, 60 e 70 kg”. (CABRAL, 2013).

Envolvia muito esforço físico-braçal, em meio a poeira e umidade, conforme relata o ex funcionário Manuel Gonçalves:

Os homens carregadores carregavam os fardos de fibra de juta de no mínimo 50 kg cada, mais quase sempre os fardos pesavam 70, 80 kg e às vezes os fardos chegavam a pesar mais de 100 kg porque também os produtores colocam no meio da juta jerimum, tora de bananeira e pedra que era para pesar mais. As condições de trabalho eram precárias, às vezes tinha máscara e às vezes não tinha e a juta soltava muito pó. Também as equipes tinham uma meta diária de 3.000 kg, só saía do galpão depois que atingisse a meta diária. (GONÇALVES, 2014).

As metas diárias estabelecidas acabavam por determinar o ritmo de trabalho na fábrica, o que também gerava a exaustão física que os carregadores acabavam submetidos. Esses dados da meta diária com acréscimo de novas pesquisas poderá contribuir para definir o fluxo de processamento diário de juta na CTC – Parintins, nos dando as dimensões trabalhistas que este local abarcava.

Pelas lembranças e relatos de ex-funcionários podemos ter uma breve noção do cotidiano da fábrica:

O trabalho começava às 7 h da manhã e ia até às 11h, tinha um intervalo das 11h as 13 h. Das 13 h as 17 h era o segundo horário do trabalho. O trabalho era muito forçado, carregávamos fardos e fardos de juta, cada fardo que a gente carregava eram trinta centavos, quanto mais fardo a gente carregava mais a gente ganhava. Outra situação era acerca do carregamento, a maioria das vezes o carrinho que era para transportar os fardos de juta não funcionava, então tínhamos que carregar os fardos do trapicho⁸ até o galpão da empresa. (COSTA, 2013).

Miguel Guimarães além informar sobre os turnos de trabalho, comenta sobre as dificuldades diárias de exercer a função de carregador, apontando a falta de equipamentos de apoio para desenvolvimento do trabalho, evidenciando porque destacamos que a exaustão era elemento constante na vida dos trabalhadores desta empresa. Não era pela sua característica e produtos nelas

⁸ Passarela de madeira flutuante próximo de um cais, onde se fazia o desembarque das fibras de juta.

processados simplesmente, mas também pelas negligências nas condições básica e mínimas de trabalho mantidas pela empresa.

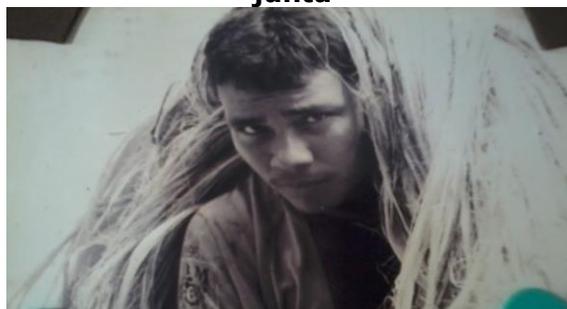
Miguel Guimarães Costa fala sobre as condições de trabalho:

Não tinha equipamento de segurança, e nem todos tinham qualificação para mexer nas máquinas. A atenção tinha que ser redobrada, por causa de acidentes graves e de uns tempos para cá o Ministério do Trabalho deu em cima, e eles acertaram a carteira de trabalho. Já era obrigatório o uso de capacete, galochas e luvas. Ainda algumas vezes tinha atendimento médico. (COSTA, 2013).

Equipamentos básicos de proteção, atendimento médico, treinamento para uso de máquinas não eram rotinas e somente eram ofertados quando havia fiscalização do Ministério do trabalho, forçando com isso a regularização dos trabalhadores vinculados a empresa.

Imagem de produtor de fibra de juta

A imagem ao lado, localizada no prédio da CTC Parintins, ilustra esse cenário descrito de trabalho exaustivo que os ex-funcionários apontam, devido ao peso da juta sobre os ombros constantemente.



Localizada entre os objetos abandonados no prédio da CTC em Parintins.

O cultivo das fibras de juta era feito por jiticultores ribeirinhos⁹ de comunidades rurais da região do Baixo Amazonas. De acordo com relato da senhora Maria das Neves, ex-funcionária da empresa, os principais produtores eram: “esses produtores que vendiam todo tempo juta para CTC, era os das comunidades da Costa da Águia, Mocambo, Caburí e Itaboraí. (NEVES, 2014).”

Ressaltamos que o acesso a cidade de Parintins é feito via fluvial devido ser uma Ilha circundada pelas águas do rio Amazonas. Em seu entorno e nas

⁹ O termo ribeirinho é desguinando aos povos da Amazônia que moram à margem dos rios.

margens opostas localizam-se inúmeras comunidades rurais, sendo que algumas destas produziam a juta que era processada nesta e noutras empresa de juta.

Considerações finais

Iniciamos a pesquisa apenas com a perspectiva de identificar os locais e espaço na cidade que continham vestígios do passado/presente sobre a História Local, ao escolhermos a antiga a Companhia Têxtil de Castanhal, não imaginávamos o quanto tínhamos de história neste local que desconhecíamos e na medida que fomos desenvolvendo a pesquisas sobre a história desta empresa percebemos o quanto da história da cidade foi se desvelando neste processo.

Das informações, memórias, vestígios históricos destacamos neste artigo elencamos alguns que podem contribuir para o desenvolvimento do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Parintins, a partir da História Local. Desde o trabalho com a memória, com as fontes da cultura material, com a percepção de como se constrói a História.

Ao estudar a breve história da Companhia Têxtil de Castanhal - CTC na cidade de Parintins, compreendemos melhor a economia do local, bem como o período conhecido na história local como "economia da juta", entre os anos de 1960 a 2012 e podemos empreender outras pesquisas identificar a participação do município de Parintins no ciclo da juta.

A pesquisa oportunizou acesso a memórias que nos motivaram a entender o espaço ocupado pelas mulheres no mundo do trabalho local, a busca desses sujeitos históricos pelo reconhecimento, aceitação e respeito social. Ao acessarmos pessoas que vivenciaram o dia-a-dia do processamento de juta, percebemos como as mulheres foram discriminadas e como relatam essas lembranças das experiências passadas dentro da fábrica.

Temos uma infinidade de informações capazes de ser elencadas e trazidas para sala de aula instigando os alunos dos anos iniciais e entender o passado e o presente da economia, do trabalho, da urbanização, das indústrias, das relações sociais na própria cidade que vive.

Ao final deste artigo destacamos pela trajetória nesta pesquisa que investigação da história dos prédios e locais históricos se constitui em um

laboratório para o Ensino de História nos anos iniciais, capaz de subsidiar metodologias dinâmicas e contextualizadas tornando o ensino mais atraente para o aluno. Além de ser fonte histórica para se trabalhar as noções de tempo, espaço, organização social, costumes, trabalho, convivência na comunidade, economia, etc.

A construção desse trabalho foi relevante, para os professores em formação por oportunizar momentos para pesquisa, que proporcionou conhecimentos significativos, a respeito da história da cidade de Parintins, na interface entre passado e presente pode-se compreender uma parte da história local.

Referências

BENTES, Fátima da Silva. *Depoimento coletado em maio 2013* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

BERGAMASCHI, M. A. *O tempo histórico no ensino fundamental*. Disponível: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/O_tempo_historico_no_ensino_de_historia.pdf>. Acesso em 28/01/2014.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2009.

CABRAL, Inaldo. *Depoimento coletado em maio 2013* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

COSTA, Miguel Guimarães. *Depoimento coletado em maio 2013* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

GONÇALVES, Manuel. *Depoimento coletado em fevereiro 2014* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

HYPÓLITO, Rosete. *Depoimento coletado em fevereiro 2014* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Disponível: <<http://cod.ibge.gov.br/1O1>>. Acesso em 05/06/2014.

MARTINS, M. L. História regional. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2013. p.135-152.

MENDES, E. Companhia Têxtil de Castanhal ameaça fechar portas se a crise não for controlada. *Jornal Amazônia*. Edição de 13/10/2011. Disponível em: <<http://www.orm.com.br/amazoniajornal/interna/default.asp?modulo=222&codigo=558068>> Acesso em 03/06/2014.

NEVES, M. das. *Depoimento coletado em fevereiro 2014* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

OLIVEIRA, S. R. F. de. O tempo, a criança e o ensino de História. In: ROSSI, V. L. S. de; ZAMBONI, E. (Org.). *Quanto tempo o tempo tem!* 2 ed., Campinas: Editora Alínea, 2005.

_____. Os tempos que a História tem... In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. *História: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção: Explorando o ensino. Coordenação: Margarida Maria Dias de Oliveira), p. 35-58.

OTTO, C. O ensino de história nos primeiros anos de escolarização: produzir e mediar conhecimentos. In: CARVALHO, D. C. de et al. *Relações interinstitucionais na formação de professores*. Araraquara: Junqueira & Marin; Florianópolis: Fapeu, 2009, p. 167 – 185.

BRASIL. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARINTINS. *PARÂMETROS CURRICULARES MUNICIPAIS HISTÓRIA*. Secretaria Municipal de Educação. Parintins: 2009.

SAUNIER, T. *Parintins: Memórias dos acontecimentos históricos*. Manaus: editora valer/Governos do estado do Amazonas, 2003.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009. p.97-110.

SILVA, Calisto Ribeiro da. *Depoimento coletado em maio 2013* por Arlene Medeiros Coelho, Denise Costa da Silva, Érica de Souza e Souza. Acervo das autoras.

SOUZA, N. M. C. G. *A Trajetória da Companhia Têxtil de Castanhal: a mais pura fibra da Amazônia*. 2008. 193 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

*Recebido em 15 de Junho de 2014.
Aprovado em 08 de Janeiro de 2015.*